CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO FEMININO: a particularidade da inserção das mulheres camelôs do bairro alecrim na informalidade**.**

Brenda Joceli da Silva Cruz Souza [1]
Ondina Kamala da Silva Cruz Vassoler[2]
Paulo Henrique Bezerra Justino de Souza[3]
Janiquele Brigida da Silva[4]

RESUMO
Este trabalho aborda o trabalho informal feminino, em específico aquele denominado de camelô. Tem por objetivo central investigar as relações e condições de trabalho das mulheres que desenvolvem esse trabalho no centro comercial do Alecrim, Natal/RN. Apresenta os produtos comercializados e trajetórias de inserção das trabalhadoras na informalidade. Identificou-se a precarização do trabalho e o desemprego estrutural, que impulsiona essa massa de sobrantes para trabalhos de extrema precariedade, dentre as quais encontramos as atividades informais. A pesquisa caracteriza-se como explicativa, com abordagem qualitativa. Recorremos autores clássicos e contemporâneos para as discussões, a partir de uma perspectiva do materialismo histórico dialético. As apreciações das discussões indicaram que a realidade natalense está em consonância com a realidade nacional, com o aprofundamento das condições precárias de trabalho, a dupla exploração do trabalho feminino, a apropriação do discurso da autonomia e a quase ausência de perspectivas de inserção no mercado formal de trabalho.

Palavras-chave: Alecrim. Trabalho informal feminino. Precarização do trabalho. Camelô.

ABSTRACT
This work addresses informal female work, specifically that called street vendors. Its main objective is to investigate the relationships and working conditions of the women who develop this work in the Alecrim shopping center, Natal/RN. It presents the products sold and the trajectories of insertion of workers in informality. The precariousness of work and structural unemployment were identified, which drives this mass of leftovers to extremely precarious jobs, among which we find informal activities. The research is characterized as explanatory, with a qualitative approach. We used classical and contemporary authors for the discussions, from a perspective of dialectical historical materialism.

[1] Assistente social Ma. em serviço social. Assistente Social CRAS Prefeitura de Assú/RN
[2] Advogada.
[3] Professor de Filosofia Do Estado Do Rio Grande Do Norte
[4] Bacharel em serviço social. Facesa

The assessments of the discussions indicated that Natal's reality is in line with the national reality, with the deepening of precarious working conditions, the double exploitation of female work, the appropriation of the discourse of autonomy and the near absence of prospects for insertion in the formal market of work.

Keywords: Alecrim. capitalist expansion. Informal working women. Underemployment. Street vendor.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho informal tem se configurado como uma realidade cada vez mais presente, mais próxima e, em certa medida, expressa particularidades da condição precária de parcela significativa da classe trabalhadora, no contexto da atual dinâmica de acumulação, em que têm se ampliado não somente os domínios do capital, mas, na mesma medida, têm se agravado as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Os processos de precarização atingem de modo particular aqueles que compõem a superpopulação relativa e, em especial, daqueles trabalhadores que se encontram na informalidade (ALVES,2012).

As atividades informais, tidas com simples alternativas de sobrevivência nos discursos oficiais e mesmo no nível do senso comum, desempenham ainda importantes funções no processo de reprodução social e de acumulação no atual tempo histórico. O papel desempenhado na sociedade e na economia pelo conjunto destas atividades decorre de determinações maiores e imperativas do capital, em busca de valorização.(TAVARES, 2014).

O objetivo do capital é e sempre foi obter maior lucro no menor espaço de tempo possível. Para tanto, empreende grande esforço em aperfeiçoar o maquinário no sentido de diminuir o tempo de giro do capital (NETTO, BRAZ, 2012). Nesse percurso, ao longo dos anos, com o desenvolvimento das forças produtivas, tem conseguido aumentar o trabalho morto (capital constante), em detrimento do trabalho vivo (capital variável). Decorre daí, uma de suas contradições centrais: a queda tendencial da taxa de lucro, uma vez que apenas o trabalho humano gera valor e sobre-valor (MARX, 1996) Cresce ainda a superpopulação relativa, que de acordo com Marx seria “a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista” (MARX, 1996, p. 263).

Nos tempos atuais, essa superpopulação ganha considerável peso, mediante o acirramento da contradição trabalho vivo (humano) x trabalho morto (maquinaria). Principalmente, no período mais recente com a criação de novos maquinários, com tecnologia de ponta, com a robótica, a telemática, a informática, a nanotecnologia a serviço da redução do quantum de força de trabalho necessária aos processos produtivos.

Estes avanços tecnológicos são associados aos mecanismos de restruturação produtiva, no âmbito dos quais as formas de gestão e de organização do trabalho são modificadas, reduzindo ainda mais a necessidade de força humana de trabalho, intensificando o uso da mão-de-obra empregada e expurgando, do espaço do trabalho dito formal, grandes contingentes de trabalhadores (MARANHÃO, 2008). A constituição dessa população desprovida de emprego e de trabalho tida como supérflua para o capital destaca-se como um dos principais fatores para o crescimento do trabalho informal. Foi feito análise dos dados de pesquisa de campo do mestrado, em que a partir de um mapeamento com 60 mulheres camelôs do bairro e a seleção de 10 mulheres como forma de aprofundar as discussões a respeito da temática. É uma pesquisa qualitativa, com ênfase na teoria crítica social.

Centralizaremos, pois, nossas análises em direção ao estudo dessa população, expulsa do trabalho assalariado protegido tem desempenhado atividades informais em especifico as mulheres informais (camelôs) inseridas na lógica do capital (pois nada foge a essa lógica), conformando um grupo de trabalhadores desprotegidos, afastados do trabalho com carteira assinada, submetidos às mais diversas modalidades de trabalhos precários. Inúmeras são as atividades informais conformadas dentro do processo de acumulação de riquezas. Elas se ampliam tanto no âmbito da produção de mercadorias, quanto nos espaços de circulação, de comercialização e no setor de serviços.

Em razão da diversidade de atividades informais, nos debruçamos sobre a dimensão do trabalho feminino inserida na atual configuração do comércio de rua em tempos de capital mundializado. Enfocamos, em especial, as condições de vida e de trabalho das mulheres camelôs do bairro Alecrim, no município de Natal, como

particularidade de processos mais amplos em curso, sobretudo, nos países de economias periféricas.

2 O CONTEXTO DO BAIRRO DO ALECRIM E AS MULHERES INFORMAIS QUE NELE TRABALHA

2.1 Caracterização da pesquisa no Alecrim: a realidade de mulheres informais.

O Alecrim é um bairro que compõe a zona administrativa leste da cidade de Natal/RN. A seguir evidenciamos os limites do bairro e o perímetro delimitado para a realização do mapeamento e das entrevistas. As mulheres entrevistadas constituíram um grupo bastante diversificado, tanto em relação a idades, quanto a origens, aos rendimentos, a escolaridade e o tempo na atividade de camelô. Contudo, apresentam semelhanças, que analisadas a luz da teoria nos revelam o quanto são exploradas e auto-exploradas com base na ilusão de serem patrão de si mesmas; ilusão bastante difundida atualmente pelos órgãos governamentais, como forma de escamotear a condição de desempregado e mesmo de assalariado.

A trajetória de inserção no mundo do trabalho realizada individualmente por cada uma das entrevistadas no ajudou a desvelar e constatar distintos elementos expressões de realidade multifacetada. Todavia, mostrou-nos analogia com relação às relações e condições de vida e de trabalho experimentadas pelo conjunto de mulheres trabalhadoras que vivenciam diariamente situações de trabalhos precários, nos mais diversos recônditos do Brasil, não sendo uma realidade exclusiva de uma determinada região.

Os dados são um recorte do processo de pesquisa de mestrado, em que foi possível novas leituras do cenário atual. Destacamos que grande parte das mulheres desta análise são provenientes não penas de natal, mas do interior, de outros estados, o que evidencia que tal realidade está circunscrita num contexto mais amplo que diz respeito ao movimento migratório por melhores condições de vida, e que tem reforçado a busca e fixação de moradia na capital do Estado. Estas quando não

moram em natal, residem em cidades próximas como Macaíba, São Gonçalo, Extremoz, (Região Metropolitana de Natal).

Com relação à faixa etária das pesquisadas, os dados, apontam para uma consonância com a tendência do mundo trabalho em âmbito nacional e mundial, de um perfil de trabalhadora mais velha, casada e com filhos. Dessa forma, observamos que a parcela significativa das pesquisadas possuíam entre 40 e 60 anos ou mais, com uma forte tendência, pelo que foi visto a partir da observação sistemática, que mulheres mais velhas permanecerem economicamente ativas.

Esta tendência está presente no comércio informal, em específico no trabalho informal, quando constatamos a presença nas ruas de um número considerável de senhoras idosas ou acima dos 50 anos desempenhado a função de camelô. Tal fato decorre em grande medida do agravamento das condições sociais, da pauperização da classe trabalhadora, da ausência de proteção trabalhista, proporcionada pelo trabalho protegido com carteira assinada.

Deste modo, centenas de trabalhadores/trabalhadoras, mesmo em idade avançada, submetem-se diariamente a permanecer no mercado de trabalho para obter alguma renda em alguns casos, renda complementar que permite ao núcleo familiar se reproduzir, uma vez que há grande contingente de jovens em idade e condição de trabalho que não exerce qualquer atividade remunerada. É interessante notar ainda a significativa presença de mulheres entre 21 e 40 anos, ou seja, no período de vida em que elas estão na fase mais produtiva de vida.

Um fato interessante, que, todavia, destoa das tendências nacional e mundiais, é em relação a escolaridade. Encontramos no Alecrim um número considerável de mulheres que não possuem o ensino fundamental completo. Como nossa pesquisa não compreendeu a parcela masculina dos camelôs, não podemos fazer um comparativo, contudo, essa se mostra uma particularidade do comércio informal alecrinense. Tais dados podem ser tomados como indicativo de que a escolaridade ainda permanece um desafio a ser superado pelas potiguares, ou, pelo menos por aquelas que aqui se encontram ativamente no mercado de trabalho.

No que diz respeito a escolaridade, os maiores índices correspondem ao ensino médio completo, seguido do fundamental completo e incompleto, médio, aquelas

declaradas sem escolaridade e por último o nível superior. O tempo das mulheres na atividade de camelô também foi considerado relevante. O tempo destinado à atividade (diário, semanal), bem como o tempo de permanência na mesma atividade são comuns em trabalhos marcadamente precários, como é o caso do trabalho de camelô.

Os dados expressam a intenção de permanência nesse tipo de atividade. Algumas das entrevistas manifestaram o desejo em permanecer 'voluntariamente' no Alecrim. O discurso da autonomia, de ser patrão de si mesma, aspecto já discutido por Tavares (2016), revela-se bastante naturalizado por essas mulheres e justifica para as mesmas a constância na informalidade. A entrevistada Niele , 51 anos, questionada se aceitaria um trabalho formal hoje com carteira assinada, se expressa da seguinte maneira:

> Não.. Pra eu ganhar um salário mínimo?? não. Pra ganhar um salário mínimo eu trabalho no que é meu, não tenho hora pra chegar, no dia que tá um temporal que não posso vir, graças a Deus vou passando e se eu trabalhasse tinha que ir, mesmo debaixo de temporal, quero não... nem pra ganhar dois [salários mínimos], quero não.... (NIELE, 51 ANO, VENDEDORA DE SANDALIAS)

Em grande medida, a ideia de trabalhar naquilo que é seu tem estimulado a permanência, não somente de Niele. Esta foi uma afirmação comum a todas as entrevistadas, com exceção de uma entrevistada para quem o trabalho na rua teria mais desvantagens do que vantagens; apesar da vantagem de poder definir seus próprios horários, a certeza de ter um rendimento certo, a faria optar por um emprego formal, caso tivesse uma oportunidade, ou pudesse realizar essa escolha. Esta mesma entrevistada é ciente das dificuldades de ser contratada a partir de certa idade (ela tinha 57 anos no período da entrevista).

Tavares (2014) afirma que, no trabalho informal, a ideia de autonomia, do empregado ou trabalhador ser "patrão", de ter oportunidades oferecidas pelo mercado tem sido bastante enfatizada nos discursos oficiais e no nível do senso comum. Com efeito, dissemina-se a ideia de que atributos pessoais, como carisma, criatividade, inciativa são suficientes para se ter sucesso no mercado, na autogestão, no empreendimento solidário, etc. Em muitos momentos, na fala das entrevistadas, percebemos que as mesmas assimilam naturalmente esse discurso, e acreditam

mesmo que seus predicados pessoais são em grande parte responsáveis pelo sucesso de seu negócio.

Dentre as 60 mulheres mapeadas, 38 já tinham experiência anterior de trabalho; 22 não tinham tido alguma experiência, realizando a entrada no mundo do trabalho pela via da informalidade. Dentre as 38, muitas já haviam desempenhado outras atividades no âmbito da própria economia informal. Este é o caso daquelas que tiveram experiência anterior como sacoleira, feirante, trabalhadora doméstica remunerada, dentre outras modalidades de trabalho precário. As análises contemporâneas sobre o mercado de trabalho feminino, atestam que as mulheres têm aumentado sua participação nas atividades remuneradas. Contudo, essa inserção tem se dado mediante trabalhos vulneráveis, precários.

A atual crise vivenciada pelo capital tem aprofundado as desigualdades sociais. A forma pela qual os trabalhadores e trabalhadoras vêm adentrando no mercado de trabalho define sua qualidade de vida. Observamos que a configuração atual do mercado de trabalho segue ampliando, segregando e acirrando as diferenças entre classe, gênero e raça/etinia: as mulheres pobres e negras são aquelas que se encontram nas condições e relações mais precárias de trabalho.(LOMBARDI, 2014).

A partir desse cenário de profundas desigualdades, analisamos a trajetória de um grupo de 10 mulheres camelôs. Através de seus depoimentos, procuramos adentrar no mundo e no cotidiano, na vida e no trabalho, com o intuito de identificar e analisar as condições em que vivem, seus determinantes fundamentais e como estas atividades se articulam com o processo maior de acumulação capitalista.

O grupo das entrevistas é bastante heterogêneo. Encontramos as mais distintas formas de inserção no mercado e trabalho. Algumas dessas trabalhadoras tiveram seu primeiro contato com o trabalho informal a partir de experiências familiares (o pai, a mãe, ou o companheiro já eram trabalhadores informais) e elas foram sendo inseridas nesse mundo, e ali permaneceram, a exemplo de Niele, 51 anos, nascida em Natal, tendo morado na Paraíba por alguns anos e retornando a Natal. Ela começou a trabalhar com a mãe; relata os motivos de estar neste tipo de atividade, evidenciando a mobilidades destes trabalhadores;

> Motivos é que minha mãe era [camelô] e eu sempre ajudava, e gostei, e acho muito bom. É o que eu gosto de fazer mesmo [...] eu tive muito na Paraíba, eu andava muito vendi muito nas portas, por todo canto mais minha mãe. [...] Era feirante, camelô, andava no meio do mundo. Onde dava pra gente fazer negócio. É, desde desse tamanho que eu ando no meio do mundo mais mãe. Ai quando nós vinhemo simbora pra cá, nós fomos ser camelô, eu e mãe também (NIELE, 51 ANOS).

Percebemos aí, a busca por alternativas de trabalho; a mãe a leva para Paraíba e para outros lugares, desenvolvendo a atividade de feirante, sacoleira. Esse primeiro contato possibilitou certo acúmulo de experiência, que a mesma utilizou para depois caminhar por si própria na nessa atividade. Niele já trabalhou como auxiliar de enfermagem e cuidou de pessoas idosas. Relata que o trabalho era muito difícil de conciliar com o cuidado com filhos pequenos. Estas atividades implicavam em trabalho noturno, durante a semana inteira, tendo folga somente nas segundas-feiras.

Para Niele, como para quase todas as demais, ter um patrão a quem deve "satisfação" não é um desejo, mas algo a ser evitado. Sobre a trajetória familiar, Natália relata que a banca em que ela se encontra hoje já foi de seu pai, que foi camelô durante 36 anos, e agora ela "herdou" o ponto. No Nordeste, é comum os filhos desde pequenos participarem da dinâmica econômica da família, ajudando em pequenas atividades. Não estamos tratando aqui de situações de trabalho infantil como forma de auferir renda. No Nordeste, este realmente é um problema social gravíssimo. Tal fato se revela na fala de Mariana, 36 anos, camelô há 23 anos:

> Minha filha! Ela começou a vim pra cá, desde os oito anos de idade. Ela não gostava de ficar em casa e, nesse não gostar de ficar em casa, até hoje. Aí tá no sangue, minha filha. Uma ótima vendedora Vai comprar, vai vender..., levar [...]Ela já tá... por dentro. Já. Tudo, tudo, tudo, tudo. Aonde eu compro..., brigar por preço..., negociar..., assinar cheque, banco, tudo, ela tá por dentro de tudo. (MARINA, 36 ANOS,VENDEDORA DE RELÓGIOS E ELETRÔNICOS EM GERAL)

A filha da vendedora desde oito anos de idade acompanha a mãe. Hoje, já participa ativamente do emaranhando de relações estabelecidas na rua, e necessárias para o bom andamento do 'empreendimento da família'. Marina, 61 anos, também vivenciou situação semelhante. Ao ser indagada sobre sua trajetória anterior de trabalho, relata que já tinha desenvolvido outras atividades tais como sacoleira, vendedora de porta em porta, Também trabalhou em uma indústria local, porém as

condições de trabalho a levaram a um processo de adoecimento, que culminou com sua demissão. A partir daí, passou a fazer parte do comércio de rua.

> É.. eu sempre trabalhei antes era feireira né, meu pai fazia as feira e eu ia com ele, eu aprendi com ele, ai depois meu pai faleceu que na época gente vendia arroz, feijão batata essas coisas né na feira, ai depois meu pai faleceu a cada um tomou seu rumo de vida e ai ei comecei trabalhando e camelô. Mas é que antes também eu vendia roupa nas portas, né? Depois foi que eu comecei, fui botando aqui, botando aqui... e me apossei daqui entendeu?? (risos)mas antes eu saia com a trouxinha na mão. Na rua... de porta em porta. [...] [o primeiro emprego quando tinha] 24 anos. [Trabalhou] Um ano. [...] (MARIANA, 51 ANOS, VENDENDORA DE HIDRAULICOS E CD/DVD).

Ao analisar os depoimentos dessas mulheres a respeito de suas trajetórias, identificamos um processo de naturalização da condição de camelô. Em nenhuma das entrevistas percebemos o desejo em continuar procurando emprego. Estas mulheres conformaram-se com essa condição; primeiro, porque a princípio todas afirmaram ganhar mais do que um salário mínimo, fato que na opinião delas, não compensaria deixar o informal, por um trabalho de carteira assinada. Há a constante afirmação do patrão como um ‘carrasco’, que deve ser evitado.

Diversos mecanismos de convencimento vêm sendo aplicado, não somente no interior das fábricas, mas muito além, o capital, tem apregoado a ideologia do ser patrão de si mesmo, que como bem coloca Tavares (2014), Antunes (2014) Soares (2006), entre outros autores que estudam a temática do mundo do trabalho, e que têm sido aplicadas no cotidiano destas trabalhadoras.

No Alecrim, a diversidade de produtos é um dos seus atrativos, pois se vende de tudo. Nos produtos comercializados pelas mulheres entrevistadas também se identificou essa diversidade, vão desde confecções de peças intimas, miudezas tais como maquiagem e bijuterias para mulheres, produtos hidráulicos, cd e dvds pirateados, produtos eletrônicos, relógios e conserto, calçados, produtos variados como acessórios para celular, antenas de televisão, enfim, há um número incontável de produtos a disposição dos clientes em potencial, a preços bem acessíveis.

Um aspecto interessante é polarização entre as entrevistadas a respeito da origem dos produtos. De um lado temos aquelas que não têm condições de realizar viagens para comprar seus produtos porque não possuem o capital necessário para

isso. Em geral, elas são chefes de suas famílias. O ganho é pouco não havendo margem para arcar com custos de viagens a Caruaru/PE ou Fortaleza/CE. Estas mulheres têm condições de vida mais precárias, porque sozinhas precisam arcar com os custos de casa; por vezes um filho que trabalha assalariado ou faz 'bicos' ajuda nas despesas.

De outro lado, temos aquelas que possuem melhores condições de trabalho. Seja em decorrência de possuir uma estrutura familiar em que não somente ela arque com as despesas, e seja possível um maior investimento nas mercadorias. A banca dessas mostra-se também mais preenchido de produtos, e revela que mesmo no comércio informal existe disparidades entre os camelôs que estão divididos entre aqueles que possuem melhores condições de trabalho e aqueles que têm as condições mais precarizadas. Dizemos melhores no sentido de que há camelôs que tem bancas mais modestas, poucos produtos, a questão do capital para investir, para manter-se, são elementos diferenciadores. Os que são mais precarizados realizam suas compras no próprio alecrim, em lojas especializadas, que oferecem um preço mais em conta e formas diferenciadas de pagamento, conforme a mercadoria vai tendo saída

No emaranhado de relações estabelecidas no comércio de rua, particularizando as estabelecidas pelos camelôs, percebemos que no geral tais relações se mostram pacíficas, cordiais, todavia, não significa dizer que é isenta de conflitos. O espaço da rua num primeiro momento, aparentemente mostra-se apenas uma grande aglomeração de pessoas, e achamos que todos estão ali ou para vender ou para comprar. Entretanto longe de ser tão simples assim a rua favorece o estabelecimento de relações entre as mais distintas classes sociais, e consequentemente os conflitos inerente as relações desiguais que são estabelecidas no interior da sociedade capitalista.

A partir das leituras, e das análises das entrevistas apreendemos que a condição particular de camelô na atual conjuntura é extremante afetada tanto pela própria condição de informal, quanto pelo fato da condição feminina. No caso das mulheres camelôs, do mercado informal, as condições de trabalho por si já não são as melhores, e na atual sociabilidade nos marcos de uma sociedade podemos

presenciar o agravamento de tais condições e o aprofundamento das desigualdades sociais.

A condição de trabalho e de vida dessas mulheres como já dito vem sendo paulatinamente agravada, primeiro pela condição de se estar na rua, daí vemos aspecto da segurança que não existe, a convivência com as mais variadas pessoas, e entre elas ter que conviver em alerta contínuo em razão do aumento da violência, materializados nos roubos e assaltos, além da violência social relacionada com os clientes, que vivem uma relação em determinadas situações bastante contraditórias. (NOGUEIRA, 2006).

A precarização das condições de vida pode ser visualizada nas mais distintas situações, seja em relação a convivência com as mudanças constantes da chuva, de sol, vento, e sentem-se por isso numa condição vulnerável. Vivencia essa dualidade entre as vantagens e desvantagens dessa atividade. Existe por parte de todas as mulheres que foram entrevistadas que a rua é um local inseguro, sujeito a ação de ladrões, e ações do tempo, que muitas vezes em relação aos dois casos não há muito o que se fazer. Essa condição do tempo é apontada por todas como uma das grandes dificuldades enfrentadas, acrescida ainda do problema da poluição sonora que pode ocasionar danos irreparáveis a audição, Anaíris sobre esse aspecto, comenta que:

> [...] dificuldades tem muitas, porque você enfrenta sol, chuva, tudo que a agente tem que suportar ao ar livre.. tem o barulho que incomoda muito, você chega em casa com o barulho do dia adia, que quando chega a noite assim 6 você não consegue ouvir o barulho dos seus filhos, você já tão agitada que você não consegue mais, nem a zoada da televisão... quando chego em casa eu digo desliga, desliga, desliga.(ANAIRIS, 33 ANOS).

Sobre o financiamento para o início teve aquelas que conseguiriam o capital, via empréstimo em banco, outras receberam ajuda dos familiares, e teve ainda aquelas que por meio de outros trabalhos , também como informal, exemplo de sacoleira, puderam ir juntando aos poucos o capital necessário. Teve ainda quem saísse do emprego e investisse na banca.

A renda média mensal apresentou disparidades, visto que três delas informaram que chegavam a ganhar livre no mês R$ 5.000,00 (cinco mil reais), enquanto que outras afirmaram chegar a ganhar R$ 500,00. A rotina e trabalho foi

talvez a regularidade nas entrevistas, variando da chegada às 08:00 horas da manhã com saída a partir das 16:00 quando começam a arrumar a banca pra fechar. Chegam arrumam seus produtos, e esperam os clientes. Uma das entrevistadas que reclamou das péssimas condições da situação do alecrim, a fala expressa indignação com a ausência do poder público em prover melhores condições para que trabalha na rua, vejamos o depoimento.

> [...] você acha que eles [poder público] olha para o camelô ou não? Infelizmente mas eles não olha de forma alguma, olhe aqui a gente paga água, a gente paga tudo é imposto eu posso não pagar aqui mas eu pago na minha casa, se a gente paga nas nossas casa a gente tem que ter o direito de onde a gente trabalha , não é verdade aqui tem esgoto aberto, tem bocas de lodo entupidas, cadê o pessoal não chega pra fazer a limpeza diária,, aqui deveria ter lixeira as coletas de vidro, de papel, a gente não tem aqui onde por o lixo a gente simplesmente joga porque não tem onde colocar, você coloca num saquinho, mas quando a chuva leva e fica aquela seboseira, as pessoas não tem onde jogar as quentinhas ficam a mesma seboseira. Aqui deveria ter um restourante que a gente pudesse pelo aqui próximo ao camelo que gente não pode sair muito tempo, os banheiro, é uma porcaria, muitas vezes usamos o do shopping 10. Porque e a gente tá sujeita a pegar uma bactéria, infecção, tá entendendo?,(MONALISA, 28 ANOS)

Diante de tal realidade, temos por certo que o que tem particularizado a condição da mulher camelô é a expressiva precariedade a que esse grupo está submetido.

É precário o local, as condições de segurança, de relacionamento com o poder público o que vez por hora se movimenta pra tirá-los de lá. Precariedade também nas condições participação na condição de camelô, trabalhando na rua, nas calçadas com relação também os ganhos incertos, somado ao fato de que além do trabalho já árduo desenvolvido na esfera pública, na rua, ainda ao chegar em seu lar, inicia outa jornada, essa não remunerada, quase obrigatoriedade do encargo do trabalho doméstico, e de inexistente reconhecimento por tal trabalho.

2.2 Reflexões breves a respeito da realidade da informalidade em movimento no Alecrim.

Diante da realidade estudada, identificou-se que a atividade de camelô não se apresenta apenas como uma estratégia para assegurar a sobrevivência e, logo, a

reprodução da força de trabalho. Na verdade, tal condição é parte constitutiva da dinâmica de reprodução do capital em geral. Compreender a dimensão das atividades informais na atualidade é entender a constituição e os mecanismos que participam da conformação da superpopulação relativa e, em particular, do exército de reserva, do qual fazem parte os sujeitos desta pesquisa. Mas, ainda como estes trabalhadores são super explorados com vistas a assegurar a produção e a circulação a menores custos.

É fundamental partir do entendimento de que o capital é contraditório por natureza. E sua contradição central, é aquela que se estabelece entre o trabalho vivo (a força humana) e o morto (o maquinário). Marx aponta que com a substituição da força humana de trabalho por máquinas, ao invés de liberar os trabalhadores para fruir do que é socialmente produzido, o capital os leva a intensificar os processos de extração de mais-valia e de super exploração dos trabalhadores que se encontram na ativa, no setor formal ou na informalidade e a expurgar trabalhadores tidos como supérfluos pelo capital.

Mesmo não participando do processo mais geral de circulação de mercadorias, os trabalhadores informais passam a ser incorporados na lógica do capital, e presencia-se a difusão da ideologia do auto emprego, da autonomia defendida e promovida pelo Estado e pelo capital. Em nossas primeiras vistas ao bairro Alecrim e, mais especificamente, ao comércio de rua do bairro, pudemos realizar duas constatações: a primeira que o setor de serviços e de circulação de mercadorias estimulado pela mundialização da economia tem sido a expressão mais visível do processo de reprodução ampliada do capital, que tem como uma de suas características a internacionalização das mercadorias, verificada principalmente no estimulo ao consumo.

Apreende-se, em segundo momento que, apesar das vantagens apregoadas pelo capital para o trabalho informal, seja ele camelô ou outras atividades similares, fica evidente a extrema exploração, pois chega à dimensão do auto explorar-se, do trabalhador explorando trabalhador. Ao afirmarem que não têm um patrão, elas possuem outro muito mais severo: o mercado. A ideia de autonomia propalada pelo

capital tem estreita relação com essa precariedade feminina, ocasionando naturalização e apropriação pelos/as trabalhadores/as de modalidades precárias do trabalho, via as ditas formas de “trabalho por conta própria”.

Enfim, identificamos uma tendência à permanência das trabalhadoras nessa atividade, mesmo que isso signifique o não acesso a direitos trabalhistas, previdenciários e sociais, que represente uma insegurança quanto ao futuro. As atividades aqui estudadas relacionam-se com os processos macroeconômicos e sociais mais amplos. Tais processos são materializados em menor ou maior medida nas condições de trabalho e de vida das mulheres camelôs.

3 CONCLUSÃO

Apreende-se por fim, que o capital em seu processo de acumular e expandir tem atingido de forma mais significativa as mulheres, sejam em suas condições de trabalho precário, ou através da reprodução social. A mulher tem desempenhando ao de sua história de inserção no mundo do trabalho uma jornada extensiva do trabalho feminino. Em seu cotidiano, a mulher não se vê na totalidade explorada, em decorrência principalmente do conceito de divisão sexual do trabalho que destinou à mulher o espaço privado, de reprodução e tal conceito vem marcando gerações. Mesmo diante de tantos avanços no campo das conquistas femininas, tal concepção está impregnada no imaginário popular. È amplamente aceito que a mulher tem a obrigação de realizar as atividades do espaço doméstico, sobrecarregando e empobrecendo várias dimensões da vida da mulher na contemporaneidade, econômica, social e familiar.

Considerando o agravamento das condições e relações de trabalho às quais a mulher está submetida e que a extensão de sua jornada de trabalho tende a abranger um número crescente de mulheres, especialmente, aquelas das camadas pauperizadas de nossa sociedade, não se pode deixar de evocar, nestas considerações finais o caráter absolutamente urgente das lutas emancipatórias e, no imediato, as lutas por direito, no interior das quais, as mulheres da classe trabalhadora constroem sua identidade e se constituem sujeitos históricos da transformação social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital. A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização.** .Londrina, Praxis, 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2014.

LOMBARDI. Maria R. **A persistência das desigualdades de gênero no mercado de trabalho**. In: LIMA. Maria E. B. de. SOARES, Vera et al (Orgs). Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero. São Paulo: CUT, 2014. Pág. 33-56.

MARANHÃO. Cesar. **Capital e superpopulação relativa: em buscadas raízes contemporâneas do desemprego e do pauperismo**. In: Trabalho e seguridade social, percursos e dilemas. São Paulo, Cortez, 2008a.

MARX. Karl. **O Capital**. Livro I. Vol.1 e Vol. 2. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (coleção os economistas).

NETTO. Jose. BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução a crítica. Biblioteca básica de serviço social**. Vol.1. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2012.

NOGUEIRA. Claudia M. **O trabalho duplicado. A divisão sexual do trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. 1ª ed. São Paulo, expressão, popular, 2006a.

SORIANO. Raúl. **Manual de pesquisa Social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

TAVARES. Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista. Informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo, Cortez, 2014.